

Uma abordagem hermenêutica

por Raquel dos Santos Funari

A História constitui um dentre uma série de discursos sobre o mundo e a sociedade, cujo objeto pretendido de investigação é o passado. Um mesmo objeto de pesquisa pode ser interpretado de maneiras diversas, com diferentes leituras do passado. A História é um discurso em constante transformação construído pelos historiadores. Isto é particularmente importante se considerarmos que quem controla o presente controla o passado e quem controla o passado controla o futuro. O que se escreve e se ensina sobre o passado, assim, está ligado à realidade dos dias de hoje. A História é, também, a maneira pela qual as pessoas, em parte ao menos, formam suas identidades. A História é interpretação, obra de historiadores, como são os livros didáticos e de apoio didático de História[3].

Os gregos e a mitificação do Nilo

O Egito sempre chamou a atenção de diferentes povos por sua paisagem singular, sua fauna e flora surpreendentes e por seus impressionantes monumentos. Apesar dos contatos do Egito com o Mediterrâneo Oriental ser milenar[i], foram os gregos que iniciaram o processo de mitificação do Egito[ii]. Por volta de 450 a.C. o historiador grego Heródoto se dirigiu ao Delta do Rio Nilo para recolher material que utilizaria em seu livro Histórias, em que procurava explicar a luta de gregos e persas remontando aos costumes e tradições dos povos orientais, com destaque para o Egito. Os gregos se surpreenderam com o regime das cheias do Nilo, com o sistema de escrita, que acreditaram ocultar verdades sagradas – por isso o nome hieróglifos, do grego hiero, sagrado e glifos, escrita – e com seus ritos funerários, que contribuíram para despertar assombro e admiração. Heródoto ficou impressionado com a cheia do Nilo e com a sua importância para a agricultura egípcia. Em de seus textos mais conhecidos sobre o Nilo escreveu o seguinte:

"Em todo o mundo, ninguém obtém os frutos da terra com tão pouco trabalho. Não se cansam a sulcar a terra com arado ou a enxada, nem têm nenhum dos trabalhos que todos os homens têm para garantir as colheitas. O rio sobe, irriga os campos e, depois de os ter irrigado, torna a baixar. Então, cada um semeia o seu campo e nele introduz os porcos para que as sementes penetrem na terra; depois, só tem de aguardar o período da colheita. Os porcos também lhe servem para debulhar o trigo, que é depois transportado para o celeiro”.

Heródoto, 2, 14[iii].

Outro autor grego, Diodoro, por seu lado, declara que o Nilo supera todos os rios do mundo pelos benefícios que trazia ao Egito.

" A maior parte deles lança apenas as sementes, leva os rebanhos para os campos e eles enterram as sementes: quatro ou cinco meses depois, o camponês regressa e faz a colheita. Alguns camponeses servem-se de arados leves, que removem apenas a superfície do solo umedecido e depois colhem grandes quantidades de cereal sem grande despesa ou esforço. De uma forma geral, entre os outros povos, todo o tipo de trabalho agrícola comporta grandes despesas e cansaças; entre os Egípcios é que a colheita se faz com poucos meios e pouco trabalho." Diodoro Sículo, 1, 36.

O fato de Heródoto e Diodoro terem se impressionado com o imenso rio que atravessa o Egito não era estranho, já que a Grécia era uma terra essencialmente árida e seca, onde a prática da agricultura consistia em esforço digno dos Titãs. O que os gregos - nem os egípcios - sabiam era que a cheia ocorria em função de chuvas na África subtropical e do degelo nas terras altas etíopes. A cheia ocorria em junho em Assuã e, como não eram detidas as águas por barragens ou diques, dirigiam-se para o Norte, atingindo Mênfis, cerca de três semanas depois. Antes disso, cobria terras aráveis por meio de um processo de infiltração. De agosto a setembro, todo o Vale do Nilo encontrava-se inundado e, em outubro, o nível das águas baixava, deixando o solo umedecido e coberto de uma lama cheia de detritos orgânicos e de sais minerais. Durante todo esse processo de inundação do Nilo, o trabalho do camponês era fundamental e diante do espetáculo causado pelas cheias escapou, ao olhar de Heródoto, as dificuldades e a lida do camponês na limpeza dos canais, na sementeira e na colheita, durante os trabalhos agrícolas[iv].

Assim, a imagem mítica do Egito, entre os gregos, deveu-se à admiração pela cheia no Nilo e ao extraordinário poder gerador de vida que resultava da fertilização, considerada quase mágica, do solo às margens do rio Nilo. Desde o início, a mania pelo Egito revestia-se de um caráter misterioso, derivado da imensa fecundidade da natureza egípcia e que obscurecia a importância do trabalho humano na valorização dos benefícios das cheias. Essa mágica continuará a marcar o encanto pelo Egito desde então.

Egiptomania e egiptologia

Podemos diferenciar egiptologia e egiptomania. A egiptologia pode ser definida como a ciência que trata de tudo quanto se relaciona ao antigo Egito. O conhecimento da escrita provocou a criação e o desenvolvimento da egiptologia. O seu marco primordial deve-se a

Jean-François Champollion, através da decifração dos hieróglifos, analisando a Pedra de Rosetta, com sua inscrição bilíngüe, e das obras magistrais: Précis du Systême Hyéoglyfique; Panthéon Égyptie, Cartas, Monuments de l’Egypte et de la Nubie; Notices descriptives. (Sauneron 1971: 18).

Aos poucos, os pioneiros solidificaram os princípios de uma atividade que será responsável pela conservação de substancial parte do grande patrimônio deixado pelos antigos egípcios à humanidade. A luta deles foi, em muitos casos, dificultada pela ação dos aventureiros que foram para o Egito, principalmente a partir de finais do século XVIII e no decorrer do XIX, em busca de objetos antigos para vendê-los a colecionadores, desejosos de possuírem peças do antigo Egito.

É fácil constatar o êxito da egiptologia e o sucesso daqueles que a seguiram como profissão ou a sustentaram, o que é atestado pelo entusiasmo mundial despertado pela descoberta da tumba de Tutankamon, em novembro de 1922, por Howard Carter (1874-1939), financiado pelo milionário inglês – Lord Carnavon (1866-1923). As inúmeras publicações em periódicos e revistas, feitas nessa ocasião, no mundo todo, inclusive no Brasil, propiciam um substancial testemunho da paixão e do interesse pela História e pela beleza plástica e significada das coisas antigas egípcias.

A egiptomania refere-se a uma prática mais antiga que a da egiptologia, mas esse termo, que a designa, aparece na Europa apenas no decorrer da primeira guerra mundial. Ele se refere a uma vasta reutilização de motivos do antigo Egito para a criação de objetos e de narrativas contemporâneos, em uma época desejosa de objetos antigos autênticos.

Egiptomania, Revivificação Egípcia, Estilo do Nilo, Faraonismo são palavras diferentes para expressar o mesmo fenômeno, que consiste em tomar de empréstimo os elementos mais espetaculares, a gramática de ornamentos que são a essência original da arte Egípcia antiga e dar a esses elementos decorativos nova vida através de novos usos, assim como todas as inúmeras referências ao mundo e à cultura egípcia.

A egiptomania surge em uma junção de ciências e imaginação. Ela drena sua substância de conhecimentos acadêmicos sobre o antigo Egito, do saber popular, transmitido por viajantes e escritores, e do repertório de mitos e símbolos assim gerados. Essa fascinação pelo antigo Egito toca todas as artes no ocidente, desde a arquitetura, música, pintura, escultura até o cinema. Não há gênero que tenha escapado da sua influência. A escala de desvios toma tal proporção que desaconselha qualquer tentativa de dar exclusividade de

gênero para classificar e sistematizar as práticas de egiptomania. O interesse por formas místicas e espirituais antigas sofreu o forte impacto das descobertas arqueológicas no Egito e o conhecimento da religião egípcia marcou a História de movimentos espirituais, no século XIX, como mostra Eliane Moura da Silva[4].

Em síntese, egiptomania é mais que uma simples mania pelo Egito. Não é suficiente se copiar formas egípcias – os artistas devem recriá-las no cadinho de sua sensibilidade e no contexto de suas épocas ou devem dar a elas uma aparência de vitalidade renovada, uma função diferente daquela para a qual foram originariamente criadas[5].

A mania pelo Egito pode ser entendida como parte do Orientalismo. Segundo Edward Said, “o orientalismo... não é uma fantasia avoadada da Europa sobre o Oriente, mas um corpo criado de teoria e prática em que houve, por muitas gerações, um considerável investimento material. O investimento continuado fez do orientalismo, como sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma tela aceitável para filtrar o Oriente para consciência ocidental (...) O Oriente é coberto pela racionalidade do orientalista; os princípios daquele tornam-se os destes”

O Orientalismo pode ser considerado como uma maneira de dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. O Orientalismo pode ser considerado, seguindo a análise de discurso de Michel Foucault em *Vigiar e Punir* e *Arqueologia do Saber*, como um discurso, um modo de sistemático de administrar e mesmo inventar o Oriente. Na historiografia, nos últimos anos, tem havido uma cada vez maior atenção ao estudo da construção dos conceitos e das representações sobre a Antigüidade[6], com alguns trabalhos, bem recentes, sobre a maneira como essas imagens aparecem nas representações dos jovens[7]. Além disso, uma abordagem transdisciplinar, como proposta por Chevitarese, Argôlo e Ribeiro[8], tem permitido juntar aos estudos historiográficos as contribuições da Filosofia (como Foucault) e da Teoria Literária (como Said), entre outras abordagens inovadoras.

Conclusão

No decorrer da disciplina “Tópicos em Teoria da História I”, em diversos momentos, destacou-se a guinada epistemológica na disciplina História. À História tradicional tem dado lugar uma História documentária, fragmentária, descontínua e dispersiva. Essa História reapresenta o passado sob novos olhares. O curso, que consistiu em fazer uma avaliação crítica da questão do conhecimento histórico, a partir da crise das filosofias da História vivenciada nas últimas décadas do século XX. Os temas que receberam maior destaque foram os debates epistemológicos nos quais estiveram envolvidos os historiadores, privilegiando-se as questões de teoria e método presentes na escrita da História, bem como seus fundamentos narrativos, sua referência documental, sua renovação temática e o diálogo da História com outros campos do conhecimento. O estudo de caso da Egiptologia e Egiptomania permite observar como essas discussões

epistemológicas atingem um campo do conhecimento histórico tão distante no passado, como é o Egito antigo, revigorando o estudo dessa temática.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Edgar de Decca, ao ter incentivado a redação deste artigo, como parte de uma atividade de disciplina de pós-graduação na UNICAMP. Agradeço, ainda, ao Prof. André Leonardo Chevitarese, por sua orientação, a ajuda de Margaret Bakos, e menciono, ainda, o apoio institucional da UNICAMP.

Bibliografia por temas

Orientalismo e o Estudo do Egito Antigo.

Bakos, Margaret e Barrios, Adriana, O povo da esfinge. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1999.

Bakos, Margaret e Pozzer, Kátia Maria, III Jornada de Estudos do Oriente Antigo, Línguas, escritas e imaginários. Porto Alegre, Ed. PUCRS, 1998.

Bakos, Margaret, Um olhar sobre o Egito Antigo no Novo Mundo: a biblioteca do Estado do Rio Grande do Sul, 1922, Estudos Ibero-Americanos, 27, 2, 153-172.

Bakos, M. (1998) Three Moments of Egyptology in Brazil. Proceedings of Seventh International Congress of Egyptologist. Cambridge, 3-9 September. Leuven Uitgeverij Peeters, pp 87-91.

Chevitarese, A. L. et alii (Orgs.). Sociedade e Religião na Antigüidade Oriental. Rio de Janeiro: Fábrica dos Livros, 2000.

Patterson, Thomas C., Inventing Western Tradition. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1997.

Saballa, Viviane Adriana, Egiptologia no Rio Grande do Sul: simbologia e manifestações, III Jornada de Estudos do Oriente Antigo, organizado por Margaret Bakos e Katia Maria Paim Pozzer, Porto Alegre, Ed. PUCRS, 1998, 229-248.

Said, Edward, Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente, Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

Sauneron, Serge La egiptología. Barcelona, Oikos-tau, 1971.

Silva, Eliane Moura da, O renascimento do oriente no ocidente do século XIX: influências da cultura material, *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, organizado por P.P.A. Funari, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1998, 97-106.

Espelosín, F., Largacha, A, *Egiptomania*, Madrid, Alianza Editorial, 1997.

Vercoutter, Jean, *Em busca do Egito esquecido*. São Paulo, Objetiva, 2002.

Egito Antigo.

Aldred, C. *Os Egípcios*. Lisboa, Verbo, 1972.

Baines, J. e Málek, J. *O Mundo Egípcio, Deuses, Templos e Faraós*. Madri, Edições del Prado, 1996, dois volumes.

Bakos, M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre, Edipucrs, 1994.

Bakos, M. *Hieróglifos*. São Paulo, Brasiliense, 1996 (coleção “Primeiros Passos”).

Cardoso, C.F.S. *Antigüidade Oriental, Política e Religião*. São Paulo, Contexto, 1990.

Cardoso, C.F.S. *Deuses, múmias e ziggurats, uma comparação das religiões do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre, Edipucrs, 1999.

Cardoso, C.F.S. *O Egito Antigo*. São Paulo, Brasiliense, 1982 (coleção “Tudo é História”, número 36).

Cardoso, C.F.S. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo, Ática, 1986 (coleção “Princípios”, número 47).

Hall, H.R. *História do Oriente Próximo*. Rio de Janeiro, Editora Casa do Estudante do Brasil, 1948.

Hassan, Fekri, *Town and village in ancient Egypt: ecology, society and urbanization*, em *The Archaeology of Africa*, organizado por T. Shaw, P. Sinclair, B. Andah, A. Okpoko, Londres, Routledge, 1993, 551-569.

Hooker, J.T. *Lendo o Passado, do cuneiforme ao alfabeto, a História da Escrita*. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1996.

Montet, P. *A vida quoditiana no Egito no tempo dos Ramsés*. Lisboa, Edições Livro do Brasil, s.d.

Museu Egípcio do Cairo. São Paulo, Mirador Internacional, 1969.

Pinsky, J. As primeiras civilizações. São Paulo, Atual, 1987.

[1] Mestranda em História pela UNICAMP, pesquisadora do NEE/UNICAMP.

[2] Edgar De Decca, Os intelectuais e a memória do Holocausto, in *Grandes Nomes da História Intelectual*, org. Marcos Antônio Lopes, São Paulo, Contexto, 2003, p. 74.

[3] Cf. Keith Jenkins, *A História Repensada*. São Paulo, Contexto, 2001.

[4] O renascimento do Oriente no Ocidente: influências da cultura material, *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, P.P.A. Funari (org.), Campinas, IFCH/UNICAMP, 1999, p.104.

[5] Cf. M. Bakos, *Egiptomania no Brasil (séculos XIX e XX)*, Porto Alegre, 2002, Projeto Integrado de Pesquisa, financiado pelo CNPq.

[6] Como nos casos de José Antônio Dabdab Trabulsi, *Uma cidade da participação controlada: a 'cidade grega' segundo os positivistas*, *Boletim do CPA* 5, 10, 2000, 97-133; Thomas Patterson, *Inventing Western Civilization*, Nova Iorque, Monthly Review Press, 1997.

[7] Como, por exemplo, Richard Hingley, *Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa*, *Textos Didáticos* 47, Campinas, IFCH/UNICAMP, 2002, 27-62;

[8] *Apresentação, Sociedade e Religião na Antigüidade Oriental*, A. L. Chevitarese, P.F. Argôlo, R. S. Ribeiro (orgs), Rio de Janeiro, Fábrica de Livros/Senai, 2000, p. 5.

[i] DANERI RODRIGO, Alicia (Ed.). *Relaciones de intercambio entre Egipto y el Mediterráneo Oriental (IV—I milenio a.C.)*. Buenos Aires: Biblos, 2001.

[ii] GÓMEZ ESPELOSÍN, Francisco Javier e PÉREZ LARGACHA, Antonio. *Egiptomania. El mito de Egipto de los griegos a nosotros*. Madrid: Alianza, 1997.

[iii] Utilizo a tradução portuguesa de Maria Jorge Vilar de Figueiredo dos textos de Heródoto e Diodoro, reportada no capítulo de Ricardo A. CAMINOS, *O camponês*, capítulo I de *O Homem Egípcio*, direcção de Sergio Donadoni, Lisboa: Presença, 1994, pp. 17-18. Sobre Heródoto, consulte-se HERING, Fábio Adriano, *O exílio de Heródoto: do juízo de Tucídides à sua apropriação moderna*. In *Grandes Nomes da História Intelectual*, LOPES, Marcos Antônio (org.), São Paulo: Contexto, 2003, pp. 85-85.

[iv] PINSKY, Jaime. *As Primeiras Civilizações*. São Paulo: Contexto, 2001, p.